

NOTAS SOBRE A IMAGINAÇÃO SIMPATIZANTE: COETZEE LEITOR DE HANNAH ARENDT¹

Notes on the sympathetic imagination: Coetzee as a reader of Hannah Arendt

Juliana Tomkowski Mesko da Fonseca
FURG

RESUMO

Pretende-se realizar análise comparativa da obra *A vida dos animais*, de John M. Coetzee, romance e tratado filosófico sobre a relação dos seres humanos com os animais. O romance adota, como noção relevante para o seu desenvolvimento teórico, a ideia de que não importa se efetivamente os animais são detentores de linguagem e de racionalidade tal qual nossa espécie para fins de estender a eles a consideração e a proteção devidas às pessoas, ou para fins de compreender como bárbaras as práticas de confinamento, experimentação e morte sistemática de animais. Há uma investida contra a “razão” em nome de outra categoria, a imaginação simpatizante. A obra remete implicitamente ao pensamento de Hannah Arendt, que não apenas reflete sobre os horrores das práticas de confinamento e extermínio humano nos campos de concentração nazistas, como também teoriza conceitos relativos à capacidade de empatia como politicamente relevantes. Este trabalho procura comparar a exposição de Elisabeth Costello, personagem de Coetzee, com o pensamento de Arendt, evidenciando os limites da percepção tradicional da racionalidade ocidental para a compreensão de temas complexos envolvendo a alteridade. Para tanto, será reconstituída a argumentação de Coetzee, apontando os paralelos entre os dois objetos de análise, objetivando demonstrar que o próprio romance é um exercício de imaginação simpatizante.

Palavras-chave: animais; imaginação simpatizante; John Coetzee; Hannah Arendt.

ABSTRACT

This paper aims to analyze in a comparative way John M. Coetzee's *Life of Animals*, a novel and a philosophical treatise about the relation of human beings with animals. The novel adopts, as a relevant notion to its theoretical development, the idea that it does not matter if animals are really owners of language and comprehension skills such as our species, to the purpose of understanding as barbarical the practices of their systematic confinement, experimentation and killing. The novel comes against “reason” in the name of another category, sympathetic imagination. The work implicitly refers to the thought of Hannah Arendt, which not only reflected on the horrors of the practices of human confinement and extermination in Nazi concentration camps, but also theorized concepts regarding the capacity to be empathic as having political relevance. This paper aims to compare the exposition of Coetzee's main character, Elisabeth Costello, with Arendt's thought, evidencing the limits of traditional western rationality to the understanding of complex subject matters regarding alterity. In order to do so, Coetzee's argument will be reconstituted, pointing to the parallels between the two objects of analysis, so to demonstrate that the novel itself is an exercise of sympathetic imagination.

Keywords: animals; sympathetic imagination; John Coetzee; Hannah Arendt.

Em seu romance filosófico *A vida dos animais* (1999), John M. Coetzee não cita sequer uma vez Hannah Arendt. Há apenas uma referência velada à pensadora por meio de uma das personagens, que carrega seu sobrenome. No entanto, a filosofia arendtiana está presente nos temas e abordagens dos discursos da personagem principal. Abre-se a possibilidade, assim, de uma

¹ Este ensaio é uma versão revista e expandida do trabalho apresentado originalmente no 2º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, realizado na Universidade Estadual de Maringá (UEM), em 2012.

aproximação entre as ideias dessa teórica e a ficção de Coetzee. Essa leitura não se pretende definitiva ou imprescindível à compreensão da obra, mas busca iluminar pontos de contato entre literatura e filosofia que possam enriquecer o entendimento do romance. Dessa forma, estabeleceremos possíveis pontes nas fissuras ou ausências do texto para dar-lhe a voz de Arendt e, assim, criar um novo contexto no ambiente elaborado por Coetzee para pensar a condição animal.

Antes de dar início, cabe lembrar a importância que essa filósofa dá à literatura. Refugiada durante a Segunda Guerra Mundial, foi responsável pela publicação das obras de Kafka nos Estados Unidos. Para ela, a vida humana só pode adquirir sentido ao ser contada em uma história, seja essa história fictícia ou não (ARENDRT, 2010). Muito de seu pensamento é construído em diálogo com as obras de romancistas e poetas, pois é por elas que podemos compreender e nos reconciliar com o mundo, embora essa seja uma tarefa difícil especialmente nos tempos modernos. *A vida dos animais*, por sua vez, é um romance em diálogo permanente com a filosofia. A protagonista de Coetzee, Elisabeth Costello, busca a compreensão incessantemente e não consegue se reconciliar com a realidade em que vive.

A obra é resultado de duas conferências que fariam parte das famosas *Tanner Lectures*, proferidas na Universidade de Princeton, Estados Unidos, durante o ano acadêmico de 1997-1998². O romancista sul-africano surpreendeu a plateia ao proferir uma palestra que não se adequava aos discursos teóricos tradicionais do evento. Ao invés, Coetzee ficcionalizou o debate em um texto polifônico, trazendo personagens de diversas opiniões à cena para discutir uma questão de difícil enunciação e sobre a qual o consenso é improvável: o tratamento dispensado pelos seres humanos aos animais³.

A vida dos animais é de difícil enquadramento nas categorias dos gêneros literários. É uma palestra, um discurso filosófico, mas apresenta também o embate de ideias entre as diferentes personagens sobre a polêmica questão levantada pela protagonista. No entanto, podemos caracterizá-lo como romance a partir do conceito proposto por Mikhail Bakhtin (1993, p. 73): “[...] um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal.” O pensador russo aponta como elementos estilísticos definidores do gênero romanesco: a narrativa direta do autor; a oralidade estilizada (*skaz*); a introdução de outros tipos de escrita, como cartas e diários; o uso de outras formas literárias externas ao discurso literário do autor, como escritos filosóficos ou descrições etnográficas; e os discursos de cada personagem marcadamente individualizados. Esses elementos heterogêneos são unificados pela obra literária, compondo um todo harmonioso. Este é o caso dessa obra de Coetzee.

No livro, nos é apresentada a personagem Elisabeth Costello, romancista consagrada, convidada para pronunciar uma preleção sobre o assunto de sua preferência na imaginada Appleton College como parte de um evento anual. Costello, há muito tempo distanciada da família, é hospedada pelo filho, John, e pela nora, Norma – a qual não consegue se adaptar ao estilo de vida da sogra.

A relação familiar é apenas um dos pontos conflituosos que envolvem a protagonista, pois o conteúdo de suas palestras foge daquilo que era esperado dela como escritora e choca muitos dos ouvintes, provocando reações intensas. O texto de Coetzee apresenta, dessa forma, dentro de uma estrutura narrativa o discurso filosófico e teórico de Costello, a qual se debate na tentativa de compreender o comportamento humano e padece com a dificuldade de se reconciliar com os seus irmãos de espécie.

O romance é dividido em dois capítulos, correspondentes às duas conferências de Coetzee em Princeton e às de Costello em Appleton. O primeiro, “Os filósofos e os animais”, ocupa a maior parte da obra. Nele é apresentado o espaço da ação – a casa do filho e a Universidade – assim como a palestra de abertura de Costello e o seu desdobramento no jantar em homenagem a ela. No

² *The Tanner Lectures on Human Values* são palestras voltadas à discussão de valores humanos conduzidas por figuras de grande reconhecimento em suas áreas, proferidas em diferentes universidades ao redor do mundo.

³ Motivado, talvez, pela *Tanner Lecture* anterior, proferida em março de 1997 por Dorothy Cheney com o título *Why animals don't have language*.

segundo capítulo, “Os poetas e os animais”, a conferencista trata das abordagens diferenciadas trazidas pela literatura em relação às criaturas não humanas.

Em sua primeira conferência, Costello denuncia o tratamento desumano e o massacre diário de milhões de animais em abatedouros e laboratórios espalhados por todas as cidades do mundo, comparando a situação com a morte dos judeus e outros grupos marginalizados nos campos de concentração nazistas. *A vida dos animais* não trata especificamente do regime nazista, mas estabelece uma comparação direta entre ele e a organização de abatedouros e outros estabelecimentos cruéis com os animais. A conferencista ataca a razão, utilizada para distanciar os homens dos outros seres e para bloquear a capacidade de nos colocarmos no lugar destes.

A dificuldade de compreender é a primeira ponte a ser traçada entre os pensamentos de Costello e Arendt. Ao se perguntar sobre os horrores dos campos de concentração, a pensadora judeu-alemã enfatizou a necessidade dolorosa sempre presente de compreendermos o totalitarismo. A autora não quis afirmar, com isso, a possibilidade de perdoarmos os crimes cometidos pelos soldados de Hitler, como se compreender e perdoar fossem dois lados da mesma moeda. Ao contrário, o processo de compreensão é uma forma de reconciliação com a realidade que não implica o perdão, mas sim a aceitação crítica de vivermos em um mundo no qual tais coisas são possíveis (ARENDDT, 1993).

Para Arendt (1993), compreender as práticas de extermínio dos regimes totalitários é uma tarefa árdua não apenas pelo número de mortos, o que por si só já seria motivo suficiente. De fato, como bem ilustra a protagonista do romance:

Entre 1942 e 1945 muitos milhões de pessoas foram mortas nos campos de concentração do Terceiro Reich: Só em Treblinka, mais de um milhão e meio, talvez até três milhões. São números que nos entorpecem a mente. Só possuímos uma única morte nossa mesmo; só podemos entender as mortes dos outros uma por vez. Teoricamente, podemos ser capazes de contar até um milhão, mas não somos capazes de contar um milhão de mortes (COETZEE, 1999, p. 24)

O surpreendente do nazismo é a maneira como estas mortes foram executadas: sistemática e planejadamente, em uma máquina administrativa de aniquilação em massa (ARENDDT, 2008). Nesse sentido, suas ações romperam com todas as tradições até então estabelecidas, “elas claramente destruíram as categorias de nosso pensamento político e nossos padrões de juízo moral” (ARENDDT, 1993, p. 43). Costello concorda com o diagnóstico de Arendt: “Na Alemanha [...] se ultrapassou uma determinada linha, o que levou as pessoas para além do assassinato e da crueldade normais de guerra, conduzindo-as até um estado que só podemos chamar de pecado” (COETZEE, 1999, p. 25).

A primeira questão que se coloca diante desses crimes perpetrados é a quem incumbe a responsabilidade pelo acontecido. Segundo Arendt (2008), os nazistas foram bem sucedidos ao utilizar sua máquina de terror para obrigar todos os cidadãos alemães a tomar parte nos assassinatos dos campos, perseguindo e executando quem quer que apresentasse tendências antifascistas. Tiveram sucesso porque conseguiram o apoio do mais pacato dos homens: o pai de família, preocupado apenas com a sobrevivência dos seus, disposto a fazer qualquer coisa desde que garantisse o sustento de cada dia em um contexto em que a miséria e a falta de perspectivas permeavam as relações sociais. Dessa maneira, o melhor a fazer era deliberadamente ignorar o que estava ocorrendo ou, sabendo-o, justificava-se a participação pela necessidade de trabalhar.

Costello enfatiza essa questão, endossando a reflexão arendtiana, ao afirmar:

Nas circunstâncias do tipo de guerra promovido por Hitler, a ignorância pode ter sido um mecanismo útil de sobrevivência, mas essa é uma desculpa que, com admirável rigor, nos recusamos a aceitar [...] Ao contrário, se diz, uma doença da alma continuou a marcar aquela geração [...] Marcou assim praticamente todos os cidadãos do Reich. Só os que estavam nos campos eram inocentes” (COETZEE, 1999, p. 25)

Entretanto, para a personagem de Coetzee, embora nos assombremos com os feitos dos alemães durante a Segunda Guerra e os responsabilizemos porque deviam saber o que ocorria, a empresa por nós desenvolvida para reproduzir, engordar e abater animais é exponencialmente maior em escala. Assim, diante da realidade atual, não mais refletindo sobre o passado, coloca-se a questão: como fazemos o que estamos fazendo sem sentir os horrores dos maus tratos com os animais?

A resposta está relacionada a distinções binárias e reciprocamente implicadas: racional/irracional, ser com alma/ser sem alma, homem/animal. Para Elizabeth Costello, a tradição de pensamento ocidental, predominantemente filosófica, estabeleceu uma fixa linha divisória entre homens e animais, a qual repousa de maneira fundante na racionalidade daqueles em contraposição à ausência de razão destes. Contudo, argumenta a conferencista, “**A razão** e sete décadas de experiência de vida me dizem que a razão não é a essência do universo, nem a essência de Deus” (COETZEE, 1999, p. 29, grifos nossos). Dessa forma, Costello não pretende abdicar da racionalidade, mas propõe um diálogo não excludente⁴.

O entendimento filosófico comum de razão pode ser atacado em diferentes frentes: por um lado, a razão não pode significar meramente – muito embora esta seja considerada a sua mais perfeita manifestação – uma forma matemática de pensar, pois esta pode ser encontrada, em suas mais altas elaborações, em pessoas que nunca passaram por quaisquer refinamentos teóricos e para quem a vida em uma sociedade racionalmente ordenada é praticamente impossível (COETZEE, 1999)⁵.

Assim, antes de ser a essência dos seres humanos, a razão seria apenas uma tendência especializada do pensamento que se tornou a base de uma tradição intelectual – o pensar por raciocínios. Por outro lado, e tendo isso em vista, a racionalidade apresenta uma tendência totalizante que ignora qualquer outra forma de pensar. Especificamente, ela impôs, segundo Costello, um corte imobilizador da compreensão humana em relação a outras formas de vida. As ciências procuram racionalidade em outros animais, impondo-lhes que pensem instrumentalmente, solucionando problemas. Talvez a pergunta fundamental e incessante de todos os animais mantidos sob confinamento em laboratórios e fazendas do mundo seja “onde está a minha casa e como chego lá?” (COETZEE, 1999, p. 37), um questionamento nada irracional, porém não condizente com a expectativa dos cientistas.

Para a personagem de Coetzee, contudo, o pensamento que se coloca na posição dos outros – inclusive outros tão diferentes de nós que não partilham conosco nada exceto algum ancestral biológico – não conhece fronteiras. “Não há limites para a imaginação simpaticizante” (COETZEE, 1999, p. 43), ou seja, sempre é possível, mediante uma pequena manifestação de boa vontade e algum esforço imaginativo, enxergar o outro em si mesmo, mesmo que esse *alter* seja um animal. Para Costello, a primeira percepção adquirida por esse exercício de pensamento é o reconhecimento do animal como um ser pleno de vida, e todos nós, enquanto seres corpóreos e ligados ao mundo sensível, também partilhamos disso.

É possível perceber aqui duas semelhanças de Costello com Arendt, mas também uma discordância. Hannah Arendt percebeu a dificuldade gerada pela manutenção de signos a diferentes

⁴ Sobre esse aspecto, é interessante observar que a personagem de Coetzee não escapa, ela mesma, de operar com o conceito de animal, animalidade, dentro da perspectiva ocidental tradicional – apenas alargando as noções de racionalidade e de consideração ética aos animais. É possível problematizar esse conceito, o que seria objeto de um estudo próprio, a partir do paralelo com outras formas de pensamento sobre a relação com a natureza e com os animais não humanos. Em especial, e apenas a título de ilustração, chama atenção a perspectiva indígena amazônica, que, segundo Eduardo Viveiros de Castro (2002; 2015), é pluridimensional e não coloca os seres humanos em posição de absoluta primazia perante os animais. Para o perspectivismo ameríndio, seres humanos ocupam a posição de “humanos” apenas neste plano dimensional. Outros seres, especialmente aqueles que participam do ciclo alimentar predador/presa, são igualmente racionais, aculturados e humanos no sentido pleno do termo, dentro de suas dimensões.

⁵ Como exemplo, Costello menciona o matemático indiano Srinivasa Ramanujan, que não resistiu ao modo de vida na metrópole inglesa e faleceu aos trinta e três anos, após elaborar algumas das hipóteses matemáticas mais desafiadoras do século XX.

estados de coisas quando estes se assemelham. Relativamente à política, a atribuição de nomenclaturas antigas a sistemas políticos novos⁶, assim como a subsunção de ações a fórmulas morais evidentemente inadequadas ao contexto – em patente violação daquilo que seria protegido pela prescrição moral⁷ – são exemplos dessa tendência humana.

Contudo, é especialmente este segundo caso que se mostra potencialmente perigoso, pois nele podemos praticar ações perversas sem nos darmos conta. Segundo Arendt (1981; 2010), nos apropriamos de fórmulas de conduta para nossa própria proteção, aceitando os conteúdos fornecidos pela tradição – entendida como a herança de conhecimentos passados de geração em geração – para que a vida não seja paralisada pelo pensar incessante sobre como deveríamos agir. Contudo, quando as circunstâncias mudam a tal ponto que as definições não correspondem mais à realidade, a atividade autêntica de pensar não é o raciocínio silogístico e instrumental, mas o questionar que se abre ao diferente, àquilo que é próprio da situação. Negar-se a essa tarefa torna a razão fechada em si mesma, sem necessidade de diálogo, um mero mecanismo destinado a produzir resultados pré-estabelecidos e não uma forma de compreender o mundo.

O paralelo entre Costello e Arendt, portanto, é evidente: pela categoria “razão”, a humanidade impediu-se de olhar efetivamente para o diferente como seres com os quais se tem algo em comum. Humanidade e racionalidade se identificaram sem que se percebesse a historicidade desta última, impedindo-nos de olhar para as inúmeras manifestações dos animais que sinalizariam uma forma de pensar própria deles. Dessa forma, e esse é o chamado de Costello, é preciso prestar atenção e dar valor aos animais naquilo que eles mesmos são, e não segundo critérios pré-disponíveis.

Arendt, assim como a protagonista de *A vida dos animais*, enfatiza a importância da imaginação para a convivência entre os seres. Tanto a atividade de pensar, a atividade da mente que questiona em busca da construção de significados, quanto a atividade de julgar, pela qual avaliamos situações concretas, dependem fundamentalmente do senso comum. Esta faculdade humana unifica as experiências advindas dos sentidos, permitindo-nos identificar os objetos sensíveis. Somos seres deste mundo, corpóreos, e todas as certezas só podem ser construídas levando em conta nossa vida carnal e tendo fé nas informações produzidas pelos sentidos.

O senso comum também ajusta esses dados a um mundo compartilhado com outros seres, no qual a posição que estes ocupam é relevante para a constituição da realidade. Essa saída da subjetividade para o diálogo com os demais só é possível pela imaginação: nos colocamos no lugar daqueles com quem estamos interagindo, tentando reconstruir suas perspectivas em nossa mente ao mesmo tempo em que as comparamos com as nossas próprias (ARENDDT, 1981).

O problema dos nazistas, tanto em Arendt como em Costello – mas nesta, ainda mais, o problema de todos os seres humanos em relação aos animais – pode ser entendido como uma incapacidade para se colocar no lugar de suas vítimas. Nas palavras de Costello:

O horror específico dos campos, o horror que nos convence de que aquilo que aconteceu ali foi um crime contra a humanidade, não reside no fato de os matadores partilharem com suas vítimas a condição de humanos [...]. O horror está no fato de os matadores terem recusado a se imaginar no lugar de suas vítimas, assim como todo mundo. Disseram: ‘São eles naqueles vagões de gado passando’. Não disseram: ‘Como seria para mim estar naquele vagão de gado?’ (COETZEE, 1999, p. 43)

⁶ Como, por exemplo, a identificação dos regimes totalitaristas com a forma ditatorial de governo (ARENDDT, 1993).

⁷ O caso exemplar de Arendt, relativamente a este ponto, é o burocrata nazista Adolf Eichmann. Membro do alto escalão do regime hitlerista e em cargo da organização sistemática das linhas de trem durante a guerra, Eichmann foi o responsável pelo transporte das vítimas dos nazistas para os campos de concentração. Contudo, em seu julgamento, manifestou-se um homem comum, sem nenhuma característica maligna, mas preso a clichês de tal forma que bloqueou a reflexão sobre o que estava fazendo, tornando-se incapaz de efetivamente pensar (ARENDDT, 1981).

Senso comum e imaginação simpatizante, podemos dizer, são correlatos. Arendt, porém, diferencia os seres humanos dos animais na medida em que aqueles são dotados de discurso, enquanto estes não o seriam. Pelo discurso é possível aos homens se diferenciarem uns dos outros alcançando a singularidade, o fato de ser irrepitível, com uma identidade única frente aos demais seres de espécie. Adquire-se, com isso, responsabilidade: prestamos conta de nossas palavras e atos para aqueles que estão ao nosso redor. Os animais, por sua vez, têm certa capacidade de se comunicarem uns com os outros, mas isso ainda não é discurso (ARENDR, 2010). Arendt está preocupada com questões políticas e na caracterização do homem enquanto um *zōon politikon* – portanto, no relacionamento dos homens uns com os outros. Nunca foi seu propósito discutir a relação dos seres humanos com os animais, por maiores que sejam as semelhanças entre estes e aqueles enquanto criaturas terrenas, dotadas de um corpo pelo qual sentem e interagem com o mundo.

Nesse sentido, percebe-se que a personagem de Coetzee tem por base o pensamento de Arendt, mas vai além. Possuir ou não o discurso não é motivo para desconsiderar os animais enquanto seres semelhantes aos homens, na medida em que eles e nós somos cheios de vida e iguais na dor, no medo e na morte. Por esse motivo, o tratamento dispensado pela espécie humana aos demais seres deste mundo revela-se particularmente atroz.

O confinamento é uma forma de punição privilegiada pelo ocidente. Para Costello, isso sugere “que a liberdade de o corpo mover-se no espaço é tomada como o ponto em que a razão pode mais dolorosa e eficientemente ferir o ser do outro” (COETZEE, 1999, p. 42). Contudo, se os efeitos são penosos para seres humanos, que existem *com* um corpo, serão ainda mais devastadores para aqueles seres cuja vida toma a forma fundamental de existir *em* um corpo.

Em resposta à personagem Thomas O’Hearne, professor de filosofia na *Appleton College* convidado a comentar sua conferência, Costello afirma:

Quem diz que a vida importa menos para os animais do que para nós nunca segurou nas mãos de um animal que luta pela vida. O ser inteiro do animal se lança nessa luta, sem nenhuma reserva. Quando o senhor diz que falta nessa luta uma dimensão de horror intelectual ou imaginativo, eu concordo. Não faz parte do modo de ser do animal experimentar horrores intelectuais: todo o seu ser está na carne viva. (COETZEE, 1999, p. 78)

Aprisionar e matar animais para propósitos úteis à nossa espécie são práticas repreensíveis mesmo se aceitássemos a incapacidade animal de pensar sobre a própria morte, de refletir sobre o curso possível que gostaria de dar à sua vida e o modo como gostaria que ela se encerrasse. Pois, para Costello, nós somos dotados de discurso. Podemos prever a dor e o sofrimento que impomos às outras criaturas, e entendemos o que estamos fazendo. A nós, portanto, não se deixa escapar a responsabilidade.

A ausência de intelecto e poder de previsão, a impossibilidade de verificar a manifestação de linguagem assim como a impropriedade da comparação dos animais com as vítimas do holocausto, são elementos antecipados por Coetzee como possíveis críticas às conferências de Costello. Diferentes personagens alternam suas vozes em resposta à romancista, quase sempre com críticas ou confusas sobre qual seria, efetivamente, sua proposta. Nem mesmo Elizabeth sabe como proceder, mas sente na pele o desconforto causado pela simpatia que sente pelos animais. Pois Coetzee, neste romance polifônico e filosoficamente denso, não apresenta respostas, mas nos convida a questionar o que estamos fazendo. A multiplicidade de vozes e opiniões resultante não é mais do que um exercício da imaginação simpatizante, do mesmo tipo proposto por Costello e Arendt.

Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *The life of the mind*. New York: Harcourt, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. da UNESP; Hucitec, 1993.

COETZEE, John M. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 347-399.

_____. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Recebido em: 20 maio 2016.

Aprovado em: 20 jul. 2016.

